

1 DEZ - 27 FEV 2015  
6107

# LISBOA 1415 CEUTA

Ceitel de D. Manuel I com inscrição em árabe.  
Museu do Banco de Portugal



## Paços do Concelho

Praça do Município - 1149-014 Lisboa

Horário: 2.ª a 6.ª feira, 10h00 / 17h30 | Sábado\*, 13h00/18h00

\* encerra nos dias 26/12/2015 e 02/01/2016

## Visitas orientadas pelos comissários

3(18H) e 12 (15H) de dezembro de 2015

9 (15H) e 23 (15H) de janeiro de 2016

4 (15H) e 20 (15H) de fevereiro de 2016

Outras visitas (serviço educativo)

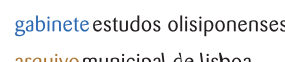
2ª a 6ª, 10H30 e 14H30

(visitas com marcação prévia: [arquivomunicipal.servicoeducativo@cm-lisboa.pt](mailto:arquivomunicipal.servicoeducativo@cm-lisboa.pt) | +351 218 844 060)

## Informações

Telefone: +351 213 236 100 | E-mail: [arquivomunicipal@cm-lisboa.pt](mailto:arquivomunicipal@cm-lisboa.pt)

[www.cm-lisboa.pt](http://www.cm-lisboa.pt) | [facebook.com/camaradelisboa](https://facebook.com/camaradelisboa)



Panela e tampa, Século XV.  
Centro de Arqueologia de Lisboa

Lisboa e Ceuta medievais eram cidades marítimas, mas constituíam sociedades diferentes, cristã e islâmica, com visões do mundo próprias, que se manifestavam em usos e costumes particulares. Os seus quotidianos conheceram transformações nos séculos XV e XVI.

A alimentação continuou a ter por base os cereais, sobretudo o trigo, além da carne, peixe, marisco, vegetais e fruta, mas os descobrimentos trouxeram novos produtos. O modo de consumo individual generalizou-se, o

que originou a multiplicação de recipientes cerâmicos.

As medidas de higienização e saneamento não alteraram radicalmente a habitabilidade das cidades, onde os problemas sanitários se continuaram a colocar com acuidade. Competia às mulheres lavar e coser a roupa, a par da confeção dos alimentos, cabendo aos homens o comércio, os ofícios artesanais, o transporte ou a construção.

## QUOTIDIANO

## O multiculturalismo em Lisboa

A Lisboa medieval era um burgo cosmopolita, pela presença de mercadores de várias partes da Europa, mas também de escravos, na maioria muçulmanos.

Aqui habitava igualmente a comuna islâmica descendente da população que residia em Lisboa antes da conquista cristã; concentrada na Mouraria, mantinha os seus costumes sob proteção régia. O mesmo sucedia com a importante comunidade judaica.

Apesar da expulsão ou conversão forçada destes grupos étnico-religiosos em 1497, a faceta multicultural acentuou-se com a expansão, não só pelo incremento e diversificação de europeus, agentes de casas mercantis ou financeiras, como pela entrada de grande quantidade de escravos negros, postos ao serviço das camadas mais prósperas da cidade, levando a que visitantes apelidassem Lisboa de “tabuleiro de xadrez”, onde viviam tantos negros como brancos.



Vista do Chafariz  
D'El Rey, 1570-1580.  
Fundação Berardo

## COMÉRCIO

Localizações estratégicas nas rotas entre o Mediterrâneo e o Atlântico proporcionaram dinamismo comercial às duas cidades na Baixa Idade Média.

Lisboa desenvolveu relações privilegiadas com o norte e o noroeste europeus cristãos, ao passo que Ceuta conetava-se sobretudo com portos islâmicos mediterrâneos, especialmente de

Granada. A partir de 1415 as redes de comércio das duas cidades aproximaram-se, com a integração de Ceuta nas linhas mercantis portuguesas, de que Lisboa era o principal porto.

Nessa época estreitavam-se extraordinariamente os laços com o sul da Península Ibérica e com a Itália, alargando-se o espaço geográfico das trocas ao nível planetário, como resultado dos descobrimentos.

## A vida marítima

A partir de 1415, a Casa de Ceuta tornou-se a instituição encarregue de aprovisionar e enviar tudo o que fosse necessário à manutenção desta e de outras posições portuguesas no Norte de África.

Localizava-se na Ribeira de Lisboa, onde se concentraram as funções vitais relacionadas com a expansão além-mar. Aqui existiam diversos armazéns e manufaturas, a Casa da Moeda, a

Cordoaria, a Alfândega e o Terreiro do Trigo (armazém de cereal). No centro estavam as instituições do poder, o Paço da Ribeira e a armaria real.

A frente ribeirinha possibilitava um contacto fácil entre o rio e a cidade, através de diversos cais e desembarcadouros. Existia também uma área de construção, reparação e apresto naval, vital para assegurar os meios de transporte da expansão marítima, de que se conservam bons testemunhos no subsolo de Lisboa.

Planta do navio do Cais do Sodré, arquivo CNANS-DGPC



## DEFESA

Berço, 1548-1575,  
Museu de Ceuta

Na Idade Média, Lisboa foi defendida pela alcáçova e pela cerca da medina, levantando-se uma “cerca nova” em 1373-75, para proteger novos bairros. As defesas medievais de Ceuta compreendiam então um complexo sistema de fossos e muralhas que rodeavam a cidade e separavam os seus arrabaldes.

Nos séculos XV e XVI generalizou-se a artilharia em combate, obrigando a mudanças nos sistemas defensivos.

Em Lisboa a defesa voltou-se para a proteção da barra do Tejo, erguendo-se fortificações que cruzavam fogos. Uma primeira linha incluía as torres da Caparica, de Belém e de Cascais.



Uma segunda constava das fortalezas de São Julião da Barra e São Lourenço do Bugio. Em Ceuta a cerca medieval manteve-se até meados do século XVI, quando se construíram as Muralhas Reais, cortina abaluartada apoiada na cerca islâmica com um fosso marítimo, protegendo o sector terra mais exposto a ataques inimigos.

## História de duas cidades

Evocam-se em 2015 os 600 anos da conquista de Ceuta pelos portugueses. Foi o facto que marcou o início da expansão portuguesa e europeia, chegando as suas consequências até aos nossos dias. 1415 marcou também indelevelmente a história de duas cidades, Lisboa e Ceuta, que ligaram o seu destino durante mais de dois séculos.

A partir de documentos de arquivo, coleções de arte e, sobretudo, da investigação arqueológica, *Lisboa 1415 Ceuta* reconstrói esta *história de duas cidades*, que se reencontram de novo.

Prato (?) em majólica, 1495-1521.  
Centro de Arqueologia de Lisboa



## LEGADO

Séculos de relação entre Lisboa e Ceuta, que se manteve mesmo quando as duas cidades seguiram caminhos políticos distintos, asseguraram uma recíproca presença na memória das duas comunidades.

Esta ficou plasmada em símbolos, como as bandeiras, mas também em atos oficiais, como a mútua atribuição

de nomes de ruas ou edifícios públicos, e em inúmeras expressões populares. Foi também plasmada na pena de escritores ou na tela de artistas, sobretudo a partir daquele acontecimento de 1415. Relatos e retratos de viajantes asseguraram a continuidade da comunicação.

Um vasto acervo de vestígios materiais, imagens ou documentos escritos são repositório deste secular relacionamento, que urge conhecer e divulgar.



Avenida de Ceuta, Eduardo Portugal, 1950. Arquivo Municipal de Lisboa



# URBANISMO

A expansão portuguesa estimulou o alargamento de Lisboa para fora das muralhas que assim se foram tornando invisíveis. A cidade cresceu essencialmente ao longo do rio, duplicando a sua população entre 1415 e 1551.

Já a conquista portuguesa de Ceuta implicou uma enorme retração do espaço urbano, com o abandono de muitos bairros

da grandiosa urbe islâmica e a concentração do povoamento na antiga medina fortificada.

Os monarcas portugueses procuravam impor um novo urbanismo: maior regularidade no desenho de ruas, um aproveitamento do espaço mais racional e uma circulação mais eficaz. Criaram-se também novas centralidades, pela construção de grandes e opulentos edifícios nas principais praças das duas cidades.



Azulejo hispano-morisco, segunda metade do séc. XV - meados do séc. XVI. Centro de Arqueologia de Lisboa



Fragmento de azulejo hispano-morisco, final do séc. XV - primeira metade do séc. XVI. Museu de Ceuta



Tigela, segunda metade do séc. XIV a 1415. Museu de Ceuta

## Huerta Rufino

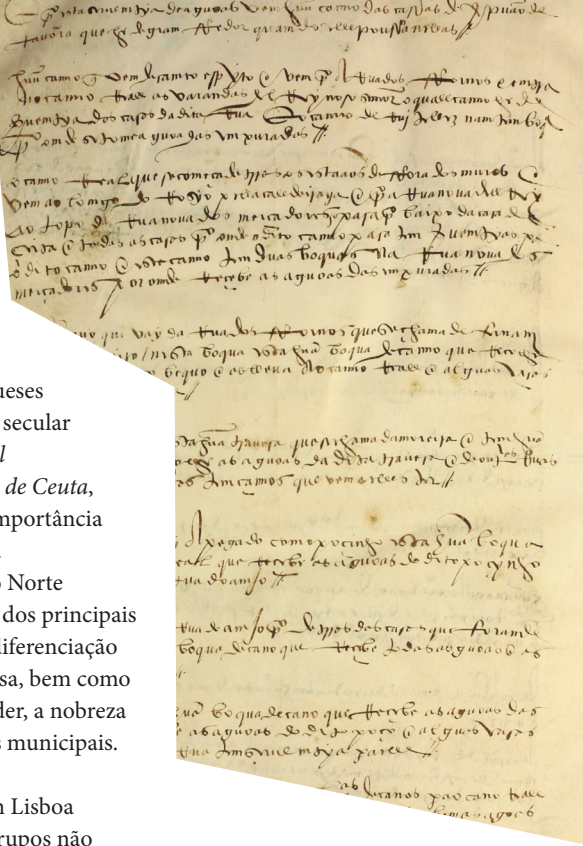
A conquista cristã das grandes cidades da Baixa Andaluzia no século XIII levou à fuga de muitos andaluzes. O Norte de África foi o seu destino principal.

Este fenómeno provocou a criação de novos bairros em Ceuta, como o de *Huerta Rufino*, descoberto em 1995. Trata-se de um conjunto de casas com acesso em cotovelo e

compartimentos dispostos em torno de um pátio central. Organizavam--se em quarteirões delimitados por ruas retilíneas. Destacam-se pelo seu estado de conservação e qualidade das pinturas murais.

Este bairro foi abandonado aquando da conquista portuguesa, o que explica a presença abundante de cerâmicas em frente às portas das casas, produto do saque do seu interior.

Excerto da relação dos canos da cidade de Lisboa, Livro dos Pregos, séc. XVI. Arquivo Municipal de Lisboa



Em 1415 os reis portugueses acrescentaram ao seu já secular título de reis de Portugal e do Algarve o de senhor de Ceuta, expressão evidente da importância política desta conquista. Nos séculos XV e XVI o Norte de África tornou-se um dos principais vetores de afirmação e diferenciação da monarquia portuguesa, bem como de outros grupos de poder, a nobreza e o clero, a par das elites municipais.

Por esta época, tanto em Lisboa como em Ceuta, estes grupos não deixaram de imprimir o seu cunho na paisagem urbana, construindo ou valorizando espaços e edifícios de poder. Este materializava-se também em objetos de distinção social. Mas perpassava, igualmente, em inúmeros gestos do quotidiano popular, onde não deixava de se manifestar através de claras expressões visuais.

## Os Palácios Reais

Lisboa assumiu-se desde o século XIII como principal cidade portuguesa de poder. Assim, o Paço da Alcáçova consagrou-se como a principal morada régia, objeto de constantes obras de melhoramento.

Encontrava-se no Castelo de São Jorge, no espaço da antiga alcáçova islâmica.

Paço Real da Ribeira, Livro de horas de D. Manuel I, 1521-1538. Museu Nacional de Arte Antiga - DGPC



## PODER

## Hospital Real de Todos-os-Santos

Edificado entre 1492 e 1504, o Hospital Real de Todos-os-Santos foi uma instituição na vanguarda europeia, unificando 43 instituições assistenciais hospitalares dispersas por Lisboa.

As suas grandes dimensões e riqueza decorativa fizeram dele o edifício mais notável de uma das principais praças da cidade, o Rossio.

Inspirado nos modelos dos hospitais de Siena e Florença, foi de início dotado de 100 camas. Nele se curavam os residentes em Lisboa, mas também os que a ela chegavam com as maleitas das longas viagens marítimas.

Desmantelado em 1770-1773, iria ver de novo a luz do dia graças às escavações arqueológicas de 1960-1962 e de 1999-2001.

Capitel, segunda metade do séc. XV – inícios do século XVI. Centro de Arqueologia de Lisboa



## Baixa

No século XIV a Baixa era o centro económico de Lisboa. Nas duas centúrias seguintes, mercê da expansão portuguesa, reforçou-se o seu estatuto como uma das zonas mais densas e prósperas da cidade.

Foi um espaço privilegiado das iniciativas de regulação urbana, com a criação de ruas novas, eixos nucleares da circulação e vivência de Lisboa. Foi também uma área onde se procuraram aplicar mais precocemente os princípios da higienização pública, como o calçetamento das ruas ou a criação de sistemas de canalização. Intervenções arqueológicas nesta área têm revelado a extensão destas iniciativas, ocultas pelos abalos sísmicos de 1531 e 1755.

Rua Nova dos Mercadores. Livro de Horas de D. Manuel, 1521-1538, Museu Nacional de Arte Antiga-DGPC

## Os Conventos de Lisboa



A história da Lisboa confunde-se com a dos edifícios religiosos que nela se ergueram após a conquista por D. Afonso Henriques em 1147. Para além da Sé Catedral e de um numeroso conjunto de igrejas, a cidade viu surgir 21 conventos, de 10 ordens religiosas diferentes, até 1551. Estes localizavam-se maioritariamente dentro da muralha ou na sua periferia, constituindo pólos dinamizadores do crescimento urbano nos séculos XIV e XV. No século XVI começaram a surgir casas religiosas afastadas do núcleo central da cidade.

Coluna do convento de S. Francisco, séc. XV. Centro de Arqueologia de Lisboa

## A Madraça de Ceuta

As madraças merínidas eram centros de ensino superior para formação os quadros da administração.

A madraça *al-Jadida* (a nova) foi construída em Ceuta em 1347. É conhecida por esse nome por ter

existido uma anterior. Era um edifício notável, com rica ornamentação de estuques, azulejos e madeiras trabalhadas policromas, situada próxima da mesquita maior.

Após a conquista portuguesa o edifício foi transformado



Friso, 1347. Museu de Ceuta

em convento, primeiro franciscano, depois trinitário, um dos mais importantes de Ceuta. Manteve-se até ao final do século XIX, ainda que amputado. Aquando da sua destruição recuperaram-se peças de mármore e madeira de grande qualidade.